

**“EM BUSCA DOS ASILOS DO IRMÃO IGNACIO”:
IMPrensa E RELIGIÃO NOS SERTÕES DO IMPÉRIO
(1878)**

**“IN SEARCH OF BROTHER IGNACIO'S ASYLUMS”: PRESS AND
RELIGION IN THE HINTERLANDS OF THE EMPIRE (1878)**

Noemia Dayana de OLIVEIRA*

Resumo: As Casas de Caridade foram instituições educacionais e de acolhimento religioso que funcionou nos sertões do Norte Imperial de 1860 a 1883, sob a organização do padre José Antônio de Maria Ibiapina. Essas casas, também entendidas como “asilos”, tornaram-se conhecidas na Corte imperial devido o trabalho do irmão Ignacio, que foi designado a recolher esmolas, por ocasião da vulnerabilidade material causada pela seca de 1877. Dito isto, objetivamos analisar as sátiras do jornal *Revista Illustrada* a respeito dos asilos do beato, que tomou proporções consideráveis a partir da propaganda feita por esta gazeta, que resolveu enviar um correspondente para os sertões, com o propósito de averiguar a existência dos “asilos” ou determinar o fanatismo religioso daquela região.

Palavras-chave: Casas de Caridade; Revista Illustrada; Sertões.

Abstract: The Charity Houses were educational institutions and religious shelters that operated in the hinterlands of the Imperial North from 1860 to 1883, under the organization of Father José Antônio de Maria Ibiapina. These houses, also understood as "asylums", became known in the Imperial Court due to the work of Brother Ignacio, who was assigned to collect alms on the occasion of the material vulnerability caused by the drought of 1877. That said, we aim to analyze the satires of the journal *Revista Illustrada* regarding the asylums of the beato, which took considerable proportions from the propaganda made by this gazette, which decided to send an associate to the hinterlands, with the purpose of ascertaining the existence of the "asylums" or determining the religious fanaticism of that region.

Keywords: Charity Houses; Revista Illustrada; Hinterlands.

Introdução

As províncias do Norte imperial¹ conheceram o trabalho missionário do padre José Antônio de Maria Ibiapina na segunda metade do século XIX, impulsionado, entre outras coisas, pelas precariedades em que estavam inseridos os sertanejos dessas localidades. Com o intuito de abrigar meninas órfãs, as Casas de Caridade tornaram-se a principal obra deste sacerdote, o qual virou notícia na Corte através do periódico carioca *Revista Illustrada*. Diante disso, analisaremos as sátiras produzidas por este jornal a

* Doutoranda em História - Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, RS - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: noemia_oliveira@hotmail.com.

respeito de tal obra a partir das indicações metodológicas sugeridas por Luca (2008) acerca do uso de jornais na pesquisa histórica, isto é, o tratamento das fontes considerando principalmente os seus produtores e o contexto em que circulou. Através dessa análise, pontuamos a divergência entre o projeto da república emergente mencionados por Saliba (2012), e da *Revista Ilustrada* em específico, tratados por Mendes (2013), e as generalizações feitas acerca do sertão, em especial o do Norte Imperial (atual Nordeste), pontuados por Amado (1995) e Coser (2005). Com isso, o projeto do padre Ibiapina através das considerações feitas pelo periódico, que era representante da emergente intelectualidade republicana, como se intitulavam os “ilustrados”², foi considerado incapaz de motivar e transformar o país, haja vista a condição que os impuseram de fanáticos religiosos.

Nesse sentido, a força motriz das Casas de Caridade eram os leigos, a exemplo do irmão Ignacio, que se tornou o principal “esmoler” dessas instituições, uma vez que foi enviado ao Rio de Janeiro-RJ, com o intuito angariar mantimentos e dinheiro por ocasião de mortes e miséria, ocasionada pela grande seca de 1877. É através do trabalho que este beato realizou em prol das casas que a revista noticiou o projeto com escárnio, ridicularizando a figura do religioso – mal vestido, descalço e “fanático” – em contraposição a luxúria da Corte.

Este periódico fluminense dedicou páginas ao assunto das Casas a partir de uma ótica progressista republicana, muito comum na imprensa das últimas décadas do século XIX, cujo tom satírico era acompanhado de edições ilustradas que evidenciavam a decadência em que os simpatizantes da carcomida Monarquia (maioria católica) insistiam em defendê-la. Dito isto, o editor do periódico era Angelo Agostini, um ítalo-brasileiro que “carregou as tintas” nas críticas ao governo imperial, investindo na linguagem verbal e não-verbal durante a sua participação a frente do referido jornal.

A intelectualidade carioca da década de 1870 era abolicionista, liberal-democrata e tinha pretensões de modernizar o país, como Angelo Agostini e, conseqüentemente, a *Revista Ilustrada* defendiam. No entanto, essa modernização se orientou pelas concepções do determinismo biológico e étnico, acentuando estigmas, principalmente, àquelas populações que não se adequassem ao projeto político republicano, como por exemplo, os sertanejos. Entretanto, que não havia rigidez entre os letrados quanto as suas filiações teóricas, de modo que “positivismo, cientificismo, darwinismo social, spencerianismo, evolucionismo e outros tantos ismos foram

misturados numa receita que se prestava aos usos mais diferenciados” (SALIBA, 2012, p. 240).

Desse modo, a figura perambulante do irmão Ignacio na Corte tornou-se facilmente alvo das críticas do citado periódico e, portanto, do discurso republicano excludente, que investiu na política de branqueamento da sociedade brasileira, com vistas à “superação” dos negros, dos indígenas e dos sertanejos. Por isso, escritos como *Os Sertões* de Euclides da Cunha, foram expressões que revelou quem eram os sujeitos “indesejados” no projeto republicano. O irmão Ignacio, portanto, era o indesejado em função da promoção das Casas de Caridade na Corte e, conseqüentemente, o representante dos “incivilizados e fanáticos das províncias do Norte”, segundo a *Revista Ilustrada*.

No entanto, o que mais incomodava a Corte brasileira, considerada aqui a partir das publicações da *Revista Ilustrada*, era o mesmo que incomodava a todos os senhores donos de terras do país, isto é, a atuação pastoral do padre Ibiapina que visava o conhecimento profundo dos sofrimentos e das angústias dos sertanejos, oriunda da exploração de mão-de-obra e da concentração de terras naquelas províncias.

O missionário, considerado pela revista como “quebra-quilo mor”³, atuou como promotor de obras em localidades onde imperava a seca e a miséria, fazendo “açudes, hospitais, escolas, as chamadas Casas de Caridade, [constituindo-se] focos de atividades globais e socializantes, intensificado o espírito associativo, num lúcido aproveitamento do mutirão, de raízes ancestrais” (MONTENEGRO, 1984, p. 28) (grifo nosso). Ora, as ações coordenadas por Ibiapina fugiram, até então, o que vinha sendo feito por missionários capuchinhos, os quais pregavam sem incidir materialmente sobre a realidade dos sertanejos.

Por esse motivo, a sua proposta pastoral que conciliou “material” e “espiritual” não agradou aos poderosos, tornando-o alvo de críticas, sátiras e mentiras, como se verá com as publicações da *Revista Ilustrada*, bem como de outros discursos, a exemplo da Assembleia Provincial da Paraíba, onde se viram pronunciamentos de deputados para condenação das Casas de Caridade⁴.

Por esse motivo, é importante esclarecermos que este padre trabalhou em função da conciliação de classes, “apaziguando ânimos e desfazendo inimizades”. Não foi à toa que se tornou benfeitor de obras em terras doadas por fazendeiros, que tinham interesses na extensão das escolas de Primeiras Letras nas suas localidades, com vistas a alfabetização de suas filhas. Entretanto, o público-alvo dessas instituições eram as

meninas órfãs, que não teriam outra sorte na sociedade imperial a não ser a prostituição ou a vida religiosa, mas em decorrência das Casas pôde optar por manter-se na Caridade como professora e/ou beata ou ainda casar-se.

Por fim, com a seca de 1877, as questões que haviam sido amenizadas pelas obras do padre Ibiapina, tornaram-se tímidas frente as necessidades materiais que se alastravam com a escassez da água. Foi preciso, portanto, maior mobilização dos pobres, sendo estes ligados ou não ao projeto das Casas de Caridade, para a arrecadação de mantimentos, roupas, medicamentos e dinheiro. Ademais, a designação de beatos como “esmoler” na *Revista Illustrada* acarretou a visibilidade do projeto na Corte, suscitando, entre outras coisas, dúvidas e desmerecimentos ao padre. O irmão Ignacio, portanto, tornou-se a “vitrine” dessas acusações.

Casas de Caridade: Um oásis no sertão

As Casas de Caridade foram instituições construídas em terras distantes do litoral, isto é, em localidades onde a educação não estava presente e a exploração da mão-de-obra se dava pela concentração de terras sob o domínio de uma minoria. Nas províncias do Norte Imperial, as atividades agrícolas e pecuaristas se desenvolveram a partir do trabalho escravo, que foi cedendo lugar para os homens pobres e livres devido a expansão das lavouras de café no Oeste Paulista e no Vale do Paraíba, bem como a proibição do tráfico negreiro, em 1850.

Essa mão-de-obra livre, na lavoura canavieira, se dividia em duas categorias, a saber: os moradores e os foreiros. Os primeiros trabalhavam e habitavam as terras cultivadas e os segundos moravam em sítios distantes, cultivados por conta própria, mediante pagamento de aluguel (o foro) ao proprietário. Já na colheita do algodão, os trabalhadores recebiam uma meação pelo algodão cultivado; e na pecuária, o “vaqueiro” que cuidava do gado, recebia um bezerro a cada quatro nascidos (PRADO JR., 1979). No entanto, das três atividades mencionadas acima, somente a pecuária desenvolveu-se mais acentuadamente no interior das províncias do Norte.

Entretanto, antes mesmo do estabelecimento dessas atividades agropastoris, os colonizadores atentaram para a diferença existente entre as terras do litoral e àquelas do interior, cujos viajantes, já no século XVI, para melhor dominá-las, resolveram utilizar a palavra “sertão”, com o intuito de designar “terras sem fé, lei ou rei”, áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitadas por índios ‘selvagens’ e

animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente” (AMADO, 1995, p. 148). Tal concepção de dominação portuguesa estendeu-se mesmo após a independência em 1822, optando por uma organização centralizada na Corte imperial, uma vez que as localidades mais distantes do litoral eram consideradas “bárbaras”.

Para tanto,

As primeiras cidades marítimas seriam caracterizadas como regiões com a presença maior da ilustração e do trabalho livre. Esses dois fatos parecem fornecer a base necessária para o progresso em bases liberais. Por exclusão, podemos desenhar o ‘sertão’ como marcado pelo oposto: predomínio do sistema de cativo e falta de uma educação” (COSER, 2005, p. 242).

Considerados como “bárbaros”, os habitantes dessas localidades mais afastadas do litoral eram atingidos duas vezes: uma pela exploração da mão-de-obra pelos proprietários de terras e a outra pelo governo imperial centralizado, especificamente após o “regresso conservador” de 1840, que ansiava pelo progresso construído em cima da exclusão dos escravos, mulheres e pobres livres. E, muitas vezes sem trabalho e sem educação, o que restava aos moradores das cidades do interior era a vida retirante, os quais eram interpretados como “uma massa de homens sem vínculos para com o mundo do interesse” (COSER, 2005, p. 247). Ora, se o interesse que faltava a essa população estava ligada à propriedade, ao trabalho e a educação, era conveniente mantê-los incapacitados para melhor dominá-los.

Diante das fragilidades vivenciadas pelos sertanejos (pobres livres), a figura emblemática do Padre Ibiapina teve êxito por intervir socialmente com estratégias que garantissem a sobrevivência, que segundo o projeto da caridade, seriam guiados para o trabalho de acordo com os preceitos da fé e da religião cristã. Esse missionário que logo tornou-se um líder era cearense, recém-ordenado pelo seminário de Olinda/PE e responsável por inúmeras obras como hospitais, igrejas, açudes e, sobretudo, as Casas de Caridades.

As Casas tornaram as obras mais conhecidas e tinham por objetivo a educação moral e do trabalho, ambas regidas pela doutrina cristã, ainda que não tivessem o objetivo de formar mulheres para a vida conventual. O resultado que essa formação gerava é o que Celso Mariz (um dos biógrafos do Padre Ibiapina) avalia como “boas esposas, companheiras práticas e sérias a moda cristã e sertaneja daquele tempo”

(MARIZ, 1980, p. 205-206). Mas essas instituições não abrigavam somente meninas pobres e órfãs, mas também pensionistas, filhas de fazendeiros, que pagavam de 10\$000 a 13\$000 réis mensais, em trimestres adiantados (REGULAMENTO INTERNO DAS CASAS DE CARIDADE (1860) In: VERAS, 2009).

O fato de atrair pensionistas se dava, muitas vezes, pela oportunidade de obter boa educação na própria região de morada, cujo terreno das Casas, em sua maioria, foi doado por pais de pensionistas. Por sua vez, a educação oferecida era baseada no letramento e na profissionalização, conhecimentos suficientes para tornar os indivíduos que dele se beneficiassem capacitados para atuar no contexto em que estavam inseridos. Ou seja, mesmo que as moças fossem orientadas por regras e disciplina conventual, o trabalho e a educação fornecidos nessas instituições gerava oportunidades concretas para a vida das moças.

Embora o projeto das Casas de Caridade viabilizasse outras oportunidades aos pobres, este não foi capaz de romper com a conciliação de classe, nem tão pouco com os dogmas da Igreja Católica Oficial. Ao contrário, por receber doações de terras para a construção dessas instituições e a manutenção financeira de fazendeiros, sem falar na reafirmação dos preceitos cristãos, o missionário e os seus seguidores não romperam com os interesses da classe dominante, apesar de terem incomodado os poderosos e ilustrados da Corte, como se verá a seguir.

A imprensa ilustrada e o despertar republicano

O aparecimento de revistas ilustradas no Brasil marcou uma nova fase para a imprensa, inicialmente pela ampliação do público leitor, haja vista o ineditismo da circulação de periódicos com textos e imagens, bem como a atuação de artistas brasileiros que encontraram na caricatura (imagens vinculadas nesses jornais) um recurso para se contrapor ao regime em vigência, a Monarquia. Além disso, a caricatura viabilizou uma leitura mais concreta do que queriam os republicanos, isto é, “concisa e rápida, completamente despida de ornamentações” (SALIBA, 2012, p. 256).

Das revistas ilustradas de maior impacto no Brasil, seja pela crítica presente nas caricaturas de seu fundador, seja pela sátira expressa em seus escritos, esteve a *Revista Ilustrada*. Contudo, ela não deixou de ser um “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (LUCA, 2008, p. 118), pois que não raras vezes, os intelectuais e/ou jornalistas estiveram subordinados aos interesses de facções

oligárquicas, que eram proprietários de jornais e detentores de expressivo poder econômico. No entanto, ela imprimiu estratégias diferentes de outros periódicos, como por exemplo, atacar jornais discordantes do ideário republicano e não vincular anúncios, tornando a venda de exemplares a sua única fonte de renda (MENDES, 2013).

A *Revista Ilustrada* tipicamente sarcástica, trazia estampada no título a ambiguidade de interpretação, a qual está atrelada a presença de imagens no periódico, como também a ambição de transmitir “para o homem rude razões e conselhos que lhe deem luzes” (COSER, 2005, p. 238). Nesse sentido, a revista priorizou, segundo a preferência republicana, atacar monarquistas e católicos através de imagens que pudessem tornar algo pouco claro em algo acessível a todos.

Fundada no Rio de Janeiro pelo caricaturista italiano Angelo Agostini, a *Revista Ilustrada* circulou entre 1º de janeiro de 1876 a agosto de 1898, “composto por quatro páginas tipografadas e quatro litografadas, cada uma medindo 36,4cm x 27,7 cm” (MENDES, 2013, p. 33). Possuía periodicidade regular e trazia sempre na capa a ilustração crítica ou a caricatura de algum artista, político, jornalista ou alguém conhecido.

Como “imprensa e progresso, letras e luzes eram frequentemente associados” (LUCA, 2008, p. 137), a *Revista Ilustrada* não esteve à revelia disso. Em 1878, o periódico fluminense resolveu investir suas críticas na figura do Irmão Ignacio, o qual como se vê relatado na primeira notícia (outubro/1878), que foi objeto de sérias discussões na Corte. Para tanto, com o intuito de coletar informações sobre os “asilos”, ou melhor, as Casas de Caridade propagadas pelo “esmoler”, resolveram então enviar um correspondente para as províncias do Norte, mais exatamente Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Entretanto, mais do que buscar uma confirmação sobre a existência dessas instituições religiosas, a “missão jornalística” confirmou o contraste econômico e social presente na sociedade do século XIX, reafirmando o caráter excludente da república que visava substituir o governo imperial.

Essa empreitada ganhou espaço na revista através da coluna “Revista Irmão Ignacio”, a qual foi assinada por Antony e apresentada, inicialmente, por A. Gil., pseudônimo de José Ribeiro Dantas Júnior⁵. Em formato de uma correspondência, o texto era publicado semanalmente, endereçada ao “patrão”, bem como aos leitores do periódico. Foi vinculada durante os meses de novembro e dezembro de 1878, um ano depois da seca de 1877, que ainda era sentida penosamente pelos sertanejos, contudo, dispensada pelos olhares do “Stanley ilustrado”.

Levando em consideração que o “jornalista é alguém que observa o mundo e o seu funcionamento... [Ele] não consegue fazer este trabalho sem julgar o que vê. [Logo] a informação objetiva é um *logro* total. Uma impostura” (LUCA, 2008, p. 139) (grifo nosso), Antony estabeleceu a partir do interesse republicano quem era o irmão Ignacio e o projeto “atrasado” que ele representava, sendo os primeiros sinais disso expostos na abertura da coluna “Revista Ir. Ignacio”. Além disso, fez questão de pontuar a divergência com *O Apóstolo*⁶.

O irmão Ignácio está sendo objeto de sérias discussões. Uns dizem que o homem dos pés descalços está ao serviço de uma obra pia; outros que o homem sem chapéu é uma esparrela armado pelo quebraquilo Ibiapina, que o mandou para cá de lata ao lado, colher e dinheiro dos incautos, e que os tais asilos são uma história mal contada. Eu quanto mais o vejo, tanto mais o acho incapaz de inventar a pólvora... Em todo caso, pelo vapor de 10 partiu para o norte um companheiro nosso. A *Revista Illustrada* julgou-se na obrigação de bem informar aos seus leitores, e no próximo número, Antony, que é o nosso Stanley, nos dirá se os dinheiros para os asilos têm o mesmo fim que o da subscrição *Apostólica*... Esperem e lucrarão.

A. Gil⁷

(REVISTA ILLUSTRADA, 1878, nº 135).

A *Revista Illustrada* questionava a veracidade e/ou benefício do projeto das Casas de Caridade, uma vez que este tipo de organização colocava em xeque a subordinação de mulheres e homens pobres, sobreviventes nas localidades por onde se concentrou as obras do padre Ibiapina. No entanto, com a maioria católica e o horizonte político apontando para ameaças ideológicas ao cristianismo, a opinião pública sobre esse tema se dividiu, e o periódico *O Apóstolo*, mencionado pelo redator A. Gil, era quem mais fazia frente aos impressos republicanos.

A revista, contudo, não acreditava que o beato seria capaz de enganar, mas se sentiu na obrigação de enviar um correspondente à procura dos asilos nas províncias do Norte, afinal, elas haviam se tornado um incômodo para o projeto republicano emergente. Com a intenção de “informar aos leitores ilustrados”, o periódico abria espaço nas edições seguintes para retratar o cotidiano dos pobres e “fanáticos” do Norte, pois que o sertanejo era o protótipo que os republicanos não desejam para o projeto nacional em ascensão.

Em contrapartida a visão excludente dos republicanos, a designação de beatos para a arrecadação de esmolas para as Casas de Caridade fazia parte de um projeto leigo no interior da Igreja Católica, movimento malquisto tanto pelos católicos, quanto por

aqueles que lutavam contra os resquícios exagerados da religião. Não é à toa que a participação desses sujeitos nessas instituições ficou relegada a descrições sumárias nas Crônicas das Casas de Caridade, sendo exemplo maior o irmão Ignacio, que acompanhou Ibiapina a partir de 1862, quando este pregava missões. Inicialmente foi nomeado como supervisor de uma das Casas de Caridade, mas não tardou nessa atividade, despontando a fama como principal esmoler da caridade.

Inácio é especialmente lembrado por ter conseguido mantimentos e auxílios em tempos de fome, miséria e muitas mortes por causa da terrível seca da 1877. Nessa situação, tendo sido mandado ao Rio, diz o texto [Crônica das Casas de Caridade] que “é mui visível a ação da providência, porque a figura do irmão Ignacio é desprezível por seu vestuário. Sem chapéu, descalço e vestido com desalinho, deveria na Corte, onde impera somente o luxo e grandeza e os nobres, ser desprezada e exposto ao ridículo, como tem sido em outras cidades, onde até pancadas e pedras tem levado, como em Mamanguape” (CARVALHO, 2010, p. 897) (grifo nosso).

Em sua grande maioria, os beatos, assim como Ignacio, atuaram em exercícios externos às Casas, isto é, sem interferir nas demandas internas de educação, acolhimento e trabalho das órfãs. Ou seja, a figura do beato estava subordinada, embora sem prescrição nos Estatutos Internos das Casas de Caridade, a Irmã Superiora. A presença deles foi, portanto, resultante da necessidade material a que estavam fadados os sertanejos por onde passou o padre Ibiapina. As Casas e as demais obras que ele desenvolveu acabou atraindo muitos pobres, os quais não viam outra saída a não ser a da caridade. Esta, por sua vez, não teve apenas o caráter dogmático, mas principalmente prático.

Ao fim e ao cabo, pouco se sabe sobre os beatos/irmãos que atuaram efetivamente no projeto das Casas, sabe-se que eles não viviam em comunidade, como as Irmãs de Caridade e se relacionavam de igual para igual, sem a hierarquia presente na organização interna das Casas (CARVALHO, 2010). Eram considerados homens de confiança do padre Ibiapina, uma vez que desempenhavam funções muito mais públicas do que privadas, isto é, tornaram-se as “vitrines” do projeto. Não é à toa que os “asilos” tornaram-se conhecidos pela *Revista Illustrada* e a Corte Imperial através do trabalho de Ignacio, o qual serviu de parâmetro para descaracterizarem as obras como se verá adiante.

Em viagem pelas cidades mais costeiras do Norte imperial, o correspondente “ilustrado” enviou a primeira notícia a *Revista Illustrada* em outubro de 1878, cujas impressões sobre os asilos e o Irmão Ignacio parecem iguais àquelas que possuía antes de embarcar para as províncias setentrionais:

Pau D’Alho, 26 de outubro.

Querido patrão.

A tua mania de elevares a *Revista Illustrada* à altura do *New-York-Herald* tem me feito passar torturas por esta província de Pernambuco, para onde malvadamente me atiraste em busca dos asilos do irmão Ignacio. Há cinco dias que viajo, tendo experimentado todos os meios de transporte, e os tais asilos fogem diante de mim como os oásis nos desertos africanos. Algumas velhas, entretanto, me falam do Ibiapina o quebra-quilo; mas tão vagamente que está me parecendo que os asilos bem podem figurar nos *Contos das mil e uma noites*. As autoridades policiais deram-me, todavia, informações mais positivas a respeito do Quebra-Quilo sobre quem elas têm as vistas. Este homem, que é inteligente, mas pouco ilustrado, começou por ser mal advogado, foi depois pior juiz, hoje é um péssimo perturbador das populações do norte que ele tem a todo transe procurado fanatizar. Tem a vida nômade do cigano, e é de vez em quando atacado de manias. Fez-se missionário...

No foro do Ceará, sabe-se por quê. A princípio quiz que todo mundo se chamasse Maria; e os tolos que não eram Maria de baptismo, tornaram-se João Maria, Joaquim Maria, Manuel Maria... Tudo é Zé Maria aqui.

Esta Mania Maria só lhe passou quando em 1866 apareceu a moda das crinolinas, essas carcaças postiças que ele teve o bom gosto de reprovar. Então foram fogueiras de crinolinas, alimentadas por babados, que parecia estar-se aqui em um S. João perpetuo. Esta incineração concluída, surge o homem contra o sistema métrico. Somente desta vez foi-lhe negada a cremação, e d’isto estão todos ainda bem lembrados. Ele esbravejou, incitou o povo a algumas cenas de canibalismo, etc. e tal... Um elogio merece ele, sabe fanatizar os que o rodeiam e não perde de vista o seu fim, que é tornar-se um dia temível. Todos que o acompanham tornam-se logo exageradamente fanáticos; exceto, porém o irmão Ignacio que, segundo a legenda, apesar de ignorante, tem olho vivo, e há de enfiar o seu chefe pelo fundo de uma agulha. Tive, confesso, certo escrúpulo em dar credito ao que por aqui se pensa a respeito do homem de lata ao lado; mas eis o que se diz dele: O irmão Ignacio, antes de tudo não é irmão de ninguém. Por aqui sempre andou de chapéu e calçado. Tentou o mesmo que está hoje tentando no Rio de Janeiro com sucesso. Somente, aqui, as bichas não pegaram; porque? Não sei. O que sei é que tudo riu-se aqui às gargalhadas, quando ali a crônica da *Revista*, em que A. Gil. (perdoa colega), de chapéu na mão, pedia para o irmão Ignacio. Não! Desculpa-me querido companheiro; mas eu afinal também ri... E já que tenho sofrido tanto, deixa-me acabar rindo-me esta primeira missiva. Adeus, patrão querido; os gêneros ainda estão

muito caros, manda-me um extraordinariozinho ou então os honorários do mês de Janeiro, porque os de dezembro estão parados.
D. Antony. Correspondente da Revista Illustrada, em busca dos asilos do irmão Ignacio
(REVISTA ILLUSTRADA, 1878, nº 136).

A cidade de Pau D'Alho estava localizada na província de Pernambuco há 37 quilômetros da capital. Nesta primeira notícia enviada a revista, o correspondente ofereceu indícios de quais são os interesses com esta coluna, isto é, vender exemplares como o periódico estadunidense New-York-Herald. Para tanto, o interesse da *Revista Illustrada*, entre outras coisas, era também igualar-se com o periódico do “primeiro mundo”: vender muitos exemplares com assuntos polêmicos e estereotipados.

A chegada de Antony à província o fez encontrar com senhoras que não eram simpáticas ao padre Ibiapina, apelidado pejorativamente de “quebra-quilo”. Esse fato corrobora para a ideia preconcebida que tinha o periódico quando enviou um representante ao Norte, isto é, de considerar os asilos uma narrativa fantasiosa que só poderia constar no livro dos “Contos de mil e uma noites”. Ao contrário das senhoras, as autoridades policiais, as quais o próprio sacerdote teve problemas durante a revolta do Quebra-Quilos, quatro anos antes, oferecem informações positivas.

No balanço disso, o correspondente oferece uma descrição de Ibiapina que é a de um homem inteligente, mas pouco ilustrado, pois que se envolveu em “perturbações sociais”, tornando-o um homem popularmente santo, seguido por “fanáticos” e em busca de tornar-se temível. Mas não para por aí, a descrição da vida do padre-mestre é detalhada com referências que remontam a época em que ele atuou em profissões liberais como as de advogado e juiz, contudo, incapazes de destruir a alcunha de “fanático”.

Vale ressaltar que nesta mesma tendência republicana adotada pela *Revista Illustrada* para destratar o padre Ibiapina e as Casas de Caridade, foi visto também Antônio Mendes Maciel, o Antônio Conselho, considerado pela literatura consolidada⁸ como pioneiro dos movimentos messiânicos. No entanto, veremos ao longo deste artigo que outros religiosos, como Ibiapina, já atuavam contra a miséria nas províncias do Norte durante o século XIX, ocasionada pela concentração de renda e terras. Os sertanejos por não se incorporarem a mão-de-obra na pecuária, atividade que necessitava de menos pessoas do que na lavoura, acabaram por se tornarem retirantes, muitas vezes seguidores de figuras religiosas, como o padre Ibiapina.

Porém, a descrição dada pelo periódico ao padre – fanático, mas com certo grau de “ilustração” – não levaria tais condições materiais em consideração, bem como ao beato Ignacio, que foi tratado como um “empregado” que ludibriava os outros para esconder o real interesse do seu “chefe”, isto é, angariar dinheiro e utilizá-lo em benefício próprio. Percebe-se, com isso, que considerar os sertanejos como fanáticos, atrasados e mentirosos era mais conveniente do que denunciar a situação precária dessas populações como uma consequência do capitalismo mercantil em decadência.

A correspondência enviada por Antony em 5 de novembro de 1878, mais uma vez, reforçava o estigma sobre os sertanejos, mas sem apontar as mazelas sociais a que estavam fadados:

Cachoeira da Cebola, 5 de novembro de 1878.

Patrão querido.

Tenho caminhado mais de setenta léguas e quanto mais me interno por estes desertos, tanto mais receio pela minha vida de Ashaverus a cavalo em busca dos asilos do Ir. Ignacio. Bem me tinham dito no Recife. Esta gente d'aqui tem sempre na boca o nome de Deus e na cintura uma grande faca de ponta (*Parnaíba*) que não é de certo destinada a enferrujar na bainha. Imagina como eu ando fino e mando com todos eles. Quase nenhum sabe ler, e, no entanto, todos tem de cor a frase de Prud'home *la propriété c'est un vol*, princípio que adoptaram mesmo pelo inverso: o roubo é uma propriedade. Foi assim que eu fiquei sem meu cavalo de que um larapio agradeu-se, e não pude partir para Mamanguape, na Paraíba, onde o Quebra-Quilo faz atualmente missões, santas missões, como dizem as beatas. Mas, lá irei ter, se antes disto não me derem cabo da pele. Vou pouco a pouco me convencendo de que os asilos do irmão Ignacio são uma verdadeira lenda, explorada pela ganancia jesuítica. Inutilmente percorri as circunvizinhanças de Pedra de Fogo, onde a imaginação do bispo do Pará havia fundado um asilo. Mas vou achando o seu quê de poético nesta esparrela armado a caridade fluminense; os tais asilos fogem diante de mim como os oásis do Saara, o que aguça ainda mais a minha curiosidade de repórter sequioso. Tenho, todavia, obtido algumas notícias do frade Ibiapina, que fugiu da Fortaleza para acoitar-se no habito de missionário acoitado pelos credores e meirinhos. Conserva ainda, como pregador, a verbosidade, que adquiriu como advogado, e os credores que lhe venderam fiado.

- É um homem de dar e tomar, dizem uns.

- Um santo padre, afirmam as beatas entre um *padre-nosso* mal acabado e uma *ave maria* a rolar entre o polegar e o indicador.

Do irmão Ignacio propriamente dito, é que as informações vão escasseando como a farinha de mandioca. Ninguém conhece o homem da lata ao lado; e sempre que pergunto por ele, todos escancaram a boca, admirados. Já indaguei mesmo de um vigário que me respondeu:

- Irmão Ignacio... Não! eu sou filho único e de mulher viúva.

Apenas ontem, mostrando o retrato que lhe pintou o bortalho, exclamou o subdelegado do lugar:

- Olhem o Manoel Ignacio!

Fiquei embatucado, confesso; e pensei logo comigo: *il y a quelque chose au fond de tout ça*. O subdelegado deve almoçar amanhã comigo; e hei de tirar a limpo a questão de Manoel Ignacio por irmão Ignacio... Algumas garrafas de vinho, uns copos de conhaque farão falar a autoridade. No caso que ele fale bem, transmitirei um telegrama. Já sabes bebedeiras e telégrafo, tudo por conta da *Revista Illustrada*, que os meus ordenados vão minguidos como correia no fogo. Manda-me um semestre^o adiantado para a Paraíba, pela casa de Pedro Baptista & C. que me conhecem. Incluso te remeto uma lista de cinquenta assinantes para a *Revista Illustrada*, todos de ano; manda lançar na minha conta. Eles são oitenta, mas eu tiro trinta de comissão, que não estou para trabalhar para o bispo. Não te esqueças de mandar dizer as missas de que te falei; já esta noite não pude dormir com as almas a me puxarem os cabelos. Incômodos credores! Quanto aos dez réis de Santo Antônio, ficam por minha conta. E adeus, patrãozinho querido, abraço o Junior e pede ao A. Gil, que não se zangue com o saudoso companheiro.

D. Antony. Correspondente da Revista Illustrada, em busca dos asilos do irmão Ignacio
(REVISTA ILLUSTRADA, 1878, nº 138).

Após alguns dias, o correspondente adentrou a província da Paraíba, mais especificamente a Cachoeira da Cebola (atualmente município de Itatuba-PB), há 120 quilômetros da capital. Mais distante, portanto, do litoral, Antony compara-se a Ashaverus a cavalo, que foi um personagem mítico, personificado em judeu errante, cuja tradição oral cristã ainda hoje conserva. Essa comparação faz transparecer mais uma crítica ao cristianismo, como também a presença de figuras cristãs no vocabulário daquela época.

Já os asilos que o correspondente procurava, sem grandes descobertas, estavam distantes do litoral, aspecto que nunca foi trabalhado por nenhum estudioso do Pe. Ibiapina e das suas obras religiosas. Esse detalhe é deveras importante para pensarmos a existência e a sobrevivência das Casas, tendo em vista a discussão que se pontuava desde a Questão Religiosa¹⁰, isto é, do endurecimento das práticas cristãs, cujos leigos estiveram na mira, além da discrepância que existia entre a assistência educacional e cultural nas capitais (localizadas no litoral brasileiro) e o descaso das vilas e cidades do interior.

Mas a insistência em falsas informações não parou por aí. Antony insistiu na informação de que o padre Ibiapina havia fugido de Fortaleza, local onde ele nunca morou, embora tivesse nascido na província do Ceará (na vila de Sobral, mais especificamente). A pretensão do jornalista era a de fortalecer a imagem de homem perigoso para o estabelecimento da ordem republicana, mas a inversão dos fatos por parte do correspondente da *Revista Illustrada* ia confirmando o “lugar” que a imprensa

ilustrada desejava para os sertanejos – mentirosos, ladrões, ignorantes e, sobretudo, fanáticos.

Nesta edição o correspondente questionou a veracidade da figura do irmão Ignacio, pontuando mais uma vez a sede dos republicanos em buscar a verdade (positivismo) e acreditar no progresso (evolução), em contrapartida ao modo de vida dos sertanejos e dos religiosos. A busca pelo beato fez Antony buscar pela autoridade policial da localidade, que não reconheceu Ignacio como “irmão”, já que este tratamento correspondia a um termo próprio das Casas e/ou da comunidade católica.

No entanto, foi a autoridade policial que fez transparecer o verdadeiro objetivo de Antony no Norte: Angariar assinantes para a *Revista Illustrada*. A sede por divulgar o periódico em terras tão longínquas da Corte tinha a intensão de juntar todos os “ilustrados” em torno de uma só opinião – a de que o Brasil republicano deveria desconsiderar os sertanejos e as suas crenças atrasadas, e mais do que isso, desprezar a pobreza e o atraso do sertão nacional.

Para tanto, na notícia seguinte, Antony mencionou o valor da assinatura anual da revista:

Mamanguape 20 de Novembro.

Patrão querido.

Ao receberes esta, tenho a esperança de ter fígado o Quebra-Quilo, que está em Canguaretama, pregando contra os que não dão esmolas para os seus fantásticos asilos e os vestido apertados das canguaretamenses, que já começaram a usar a nova moda, copiada de uma figurino da *Saison* que veio para a filha do juiz municipal daqui. Este juiz municipal é uma excelente criatura e o único homem desta redondeza que assigna jornais estrangeiros, isto é, a *Revista Illustrada*, a *Gazeta de Noticias* e a *Saison*. Não é que eles não gostem aqui de jornais; lambem-se todos os contentes, quando lhes mostro os “registros” da *Revista*; somente quando lhes digo que é 20\$000 réis por ano, exclamam todos:

- Vinte mil réis! Santa Maria!... por 20\$000 réis a gente compra dois garrotes que no ano seguinte são dois bois. Se deixa mais barato...

Regateiam, como ciganos; mas ainda assim inclusa te remeto uma lista de 80. Vê com contas a minha comissão, senão para outra vez, passo-te a perna. Devo partir amanhã para Canguaretama; estou curiosíssimo por encontrar o Quebra-Quilo, já que me tem sido impossível descobrir os asilos do mesmo. E já vai sendo tempo que eu o encontre; estou cansado de viajar por estes centros, desertos de comodidade e de asilos, e morro de saudades, pela rua do Ouvidor e pelo Alcazar. Adeus, patrão adorado, dá lembranças aos pequenos e pergunta ao A. Gil se ainda arde em paixão pelo homem da lata ao lado.

D. Antony,

Correspondente da *Revista Illustrada*, em busca dos asilos do irmão Ignacio.

Post-scriptum. – Acabo de receber a seguinte comunicação que nada tem de animadora: “Se tu prossegues nas suas indagações se não volta sobre seus passos, arrepende-se!” Que hei de fazer? O mesmo. N. da R. – Vai para diante, se te matarem, não faz mal (REVISTA ILLUSTRADA, 1878, nº 140).

Em terras paraibanas, desta vez mais próximas do litoral, há 52 quilômetros da capital e, conseqüentemente, mais longe das Casas de Caridade, Antony julgava o padre Ibiapina de mentiroso. E independentemente de onde ele visitasse, a fama do sacerdote continuava a de ser um homem fanático e perigoso para a “nova ordem” que se projetava: a República. O missionário representava o atraso com suas pregações religiosas contra vestidos apertados e/ou periódicos estrangeiros, isto é, de outras províncias.

Em contrapartida, o juiz municipal, para o correspondente e o seu periódico, representava o que havia de mais “civilizado” nas redondezas de Mamanguape, pois que era um homem letrado e assinava jornais, como por exemplo, a *Revista Illustrada*. A ilustração não deixou de estar ligada a condição material, como se observa ao longo das correspondências com a menção a autoridade policial e ao juiz municipal, ambos pertencentes a classe dominante.

Evidentemente que por não terem o direito de usufruir de um “recurso natural”, os canguaretenses, mencionados por Antony, não poderiam desconsiderar um bezerro em vistas da assinatura de um periódico. Embora gostassem de ler, “não era apenas o analfabetismo que afugentava os leitores, mas o alto preço dos livros [e/ou impressos], sobretudo quando comparados ao baixo poder aquisitivo dos leitores” (SALIBA, 2012, p. 247) (grifo nosso). Apesar de tudo, o correspondente não deixava de lembrar ao chefe que recolheu assinaturas, querendo comissões e reafirmando o seu objetivo nos “desertos de comodidade”.

Além disso, para “naturalizar a pobreza e a miséria”, as concepções dualistas não deixavam de aparecer nas palavras do correspondente, já que naquelas terras não existia nada e nem asilos, muito menos a civilização/progresso da rua do Ouvidor e o Alcazar, ambas localizadas na Corte. Daí observa-se que o projeto republicano, do qual Antony e os leitores acreditavam era alheia à realidade de exploração sofrida pelos sertanejos. No mais, não se mencionava a fome, a miséria e as necessidades materiais e nem se apresentava proposta para a “violência” dos sertanejos, aspecto tão recorrente no discurso do jornalista, como se vê abaixo:

Canguaretama, 9 de dezembro de 1878.

Patrão querido.

Enfim posso escrever-te, patrãozinho adorado; posso dar-te notícias minhas já que me é impossível dá-las dos asilos do Quebra-Quilo, que inútil e arriscadamente tenho procurado por estes sertões, onde se mata muito diplomaticamente e sem espalhafatos. Arriscadamente, é verdade, patrão adorado, porque a minha vida anda desde que vim para aqui pendente de um cabelo, seguro a uma Parnaíba. Imagina tu que eu vinha muito sossegadamente de Mamanguape para Canguaretama, quando topei (topei é o termo d'aquí) com dois barbaças de chapéu de couro e permeiras¹¹ montados em dois cavalos bem possantes. Completavam suas toilettes: dois *cravinotes*, duas Parnaibas e dois grandes isqueiros de chifre.

- Deus o salve, meu amo, disse-me um deles.

- Deus os salve, camaradas.

- Então para onde se bota?

- Para Canguaretama, se não manda o contrário; e os Srs.?

- Vamos a isso...

Um deles sacou uma *broaca*¹² um rolo de fumo e uma porção de palhas de milho de tamanho natural, e pôs-se a cortar o fumo. O outro perguntou-me então:

- Como é a sua graça¹³, ainda que mal pergunto?

- Pergunta muito bem¹⁴... Chamo-me D. Antony, um seu criado...

- Criado seja Vosmecê dos anjos.

Apenas pronunciei meu nome, os dois trocaram um olhar, que não me deixou muito à vontade, palavra! O cigarro estava pronto; e o tipo tomou do isqueiro e acendeu-o logo. Tomou algumas baforadas, passando-me depois:

- É puro *mapinguinho*¹⁵.

Tirei algumas fumaças, e passei o trabuco ao outro:

- Bom! Boa viagem, camaradas; eu sigo.

- Oh! Não tenha tanta pressa... Meu amo vai atrás do santo padre Ibiapina? Pois acho melhor que volte.

- Acho melhor que volte.

E começou a afagar o seu cravinote, em quanto o outro sacava da Parnaíba... sem ser para limpar as unhas. E então! O que fazer?... Se pensas que teimei, enganas-te redondamente, patrãozinho da minha alma. Aceitei o conselho e voltei muito sossegadamente. Eles acompanham-me até a pousada. Dormimos n'uma fazenda... isto é eles dormiram, porque eu por mais que lesse o *Ver, ouvir e contar*... Impossível! Não consegui pregar olhos! No dia seguinte separamo-nos muito bons amigos, eu para um lado eles para outro. Caminhei algumas horas, triste e desconcertado, até que encontrei um pequeno destacamento, uma precatória que seguia para Canguaretama. Juntei-me a eles, e segui, desfazendo-me em amabilidade para com o alferes. Assim guardado, cheguei a Canguaretama; mas, palavra que tenho calafrios sempre que boto o nariz de fora. O Quebra-Quilo já anda longe; e não sei como agarra-lo. -¹⁶

D. Antony. Correspondente da *Revista Illustrada* em busca dos asilos do irmão Ignacio

(REVISTA ILLUSTRADA, 1878, nº 143).

Em direção a província do Rio Grande do Norte, agora o correspondente dá notícias da cidade de Canguaretama, localizada a 78 quilômetros da capital. E a cada

nova notícia, o jornalista persistia na máxima entre civilizados *versus* sertanejos, ausentando-se de analisar a realidade destes últimos, onde matar parecia algo comum. Portanto, aos olhos do estrangeiro, branco e letrado da Corte, esses homens eram perigosos, pois que andavam com armas na cintura, esbravejando ignorância.

Nas andanças pelo sertão, Antony descreveu encontros que reforçam esta visão superficial da violência no interior das províncias do Norte, como por exemplo, os dois homens que ele mencionou acima, os quais fumavam e possuíam duas armas cada um deles. Como e para quê dois homens teriam duas armas? Seja para assustar quem estivesse atrás do padre Ibiapina, seja pelas atividades desenvolvidas no campo, a vila de Canguaretama em fins do século XIX não possuía grandes índices demográficos, o que implicava em baixos índices de violência.

Mas segundo Antony, o sertão era o lugar de apenas duas coisas: selvagens armados ou fanáticos em procissão. Para tanto, ao ser ameaçado prontamente pelos dois senhores armados, o correspondente refugiou-se entre um destacamento que rezava e seguiu para o vilarejo mais próximo. Mas tal ameaça só se justificaria em caso de perseguição ao padre Ibiapina, uma vez que o envolvimento com a revolta do Quebra-Quilos ainda estava presente no imaginário daqueles sertanejos, que reagem como verdadeiros protetores do missionário. Com uma narrativa empolgante, a infelicidade dos leitores viria através do correspondente, que afirmou, mais uma vez, não ter encontrado o Pe. Ibiapina, que já realizava missões em outro lugarejo àquelas alturas.

Alguns dias depois, o jornalista resolveu embrenhar-se ainda mais no interior daquelas províncias, escolhendo visitar a cidade de Cabaceiras/PB:

Canguaretama, 17 de dezembro de 1878.

Patrão adorado.

Escrevo-te ainda d'esta vila; mas chego felizmente em paz de uma excursão a Cabaceiras. Tinha tido notícias de um missionário que lá estava pregando e fui ver se era o Ibiapina. Não era o Quebra-Quilo que eu procuro; todavia não perdi o meu tempo, por que já posso julgar pelo que vi e ouvi do fanatismo d'esta gente, cuja ocupação é correr a via-sacra de povoado em povoado para escutar as predicas dos "padres santos". Tem o seu que de fantástico o missionário que ora amedronta o povo de Cabaceira... Antes de tudo, porém devo dizer-te o que ele é.

Chama-se Luigi "o santo padre Luigi" é da pátria do macarrão e do pinta-monos que enche a *Revista* por fora. Se me não engano, está desde pouco no Brasil, onde veio ter em companhia de um realejo velho e em busca de algum macaco habilidoso, pois fala mais cerrado que qualquer barbadinho do Castello... Pensou depois que era mais cômodo fazer missões, abandonou o velho realejo algures e deixou o

macaco ao *Besouro* e ei-lo “padre santo”, pregando furiosamente e ameaçando o povo com os raios celestes e outras cousas ainda mais terríveis. Estava desde dois dias em Cabaceiras, e antes de sua primeira predica, tive o cuidado de informar-se dos nomes dos animais da terra. De todos os nomes que a sua memória pôde reter, tem lugar o conspícuo o camaleão, que ele julga o bicho mais feroz das florestas brasileiras. Enfim, armado com uma ladainha dos nossos animais, subiu ao púlpito, improvisado fora da igreja, por que a matriz é pequena para não conter todos os fiéis. Eram cinco horas da tarde, quando ele soltou a língua, orando e seguramente mais de nove mil crentes e contritos. Falou sobre Nossa Senhora, lembrou os milagres de Santo Antônio e contou diversas histórias do filho de Deus, tudo isso com grande dificuldade de exprimir-se, n’uma linguagem mais carcamana que portuguesa, com licença do nosso companheiro A. Gil. Passando depois a estigmatizar o pecado, tomou-se mais eloquente e vingativo. Chegou mesmo a implorar muitos raios contra o povo de Cabaceira; e como rode celeste estivesse baldo de eletricidade, clamou ele: Arapongas, tatú-bôla, tatú-perra tiguassú, sussuarama, jacarés e camaleão, vinde comer os hereges de Cabaceira!... A esta ameaça terrível, o povo prostrou-se contrito e batendo piedosamente nos peitos implorou: “Misericórdia! Meu Deus! Misericórdia! Meu padre santo! As suas iras abrandaram-se então diante de tantos humildes e, pondo-se de joelhos, implorou também:

“Misericórdia! Meu Deus! Misericórdia!” E assim concluiu-se misericordiosamente a primeira predica do santo padre Luigi, a cujo apelo não acudiram nem os raios, nem os tatú-perra, nem mesmo o camaleão sobre que ele tanto contava. No dia seguinte continuou as suas missões, sempre com o mesmo êxito; mas eu voltei para esta vila, d’onde sigo amanhã em busca do Quebra-Quilo e dos asilos do homem da lata. A mortandade por aqui é espantosa; e o povo aproveita-se d’isso para não fazer alguma. Os que não morrer, *ajudam os outros a morrerem*. É uma caridosa ocupação, mas que toma muito tempo. Logo que o doente está grave, senta-se o *ajudante* e manda o moribundo repetir:

- Jesus seja comigo.
- Jesus não me desampare.
- Jesus...

Até soltar o último suspiro. Ser *ajudante* é uma profissão, uns dizem bem ruidosa, e há alguns que tem fama. Desejo muito não lhes dar a ganhar; mas quem sabe?... Adeus, patrãozinho querido; dá lembranças aos companheiros.

D. Antony. Correspondente da Revista Illustrada em busca dos asilos do irmão Ignacio (REVISTA ILLUSTRADA, 1878, nº 144).

O enviado da *Revista Illustrada*, embrenhou-se pelo sertão, chegando à distância de 180 quilômetros da capital, sendo este o lugar mais distante do litoral em que ele esteve. Em busca de um missionário, o qual pensava ser o padre Ibiapina, encontrou o “santo padre Luigi”, de origem italiana. As observações de Antony seguiam as mesmas afirmações de antes, os moradores de Cabaceiras só sabiam correr atrás de via-sacra e prédicas de padres santos, incapazes de falar o “português brasileiro”, por isso a

comodidade do padre de pregar e mentir ameaçando os sertanejos (ignorantes e facilmente ludibriados) a morte.

A mania de estigmatizar o pecado fazia com que a narrativa do padre italiano fosse, segundo Antony, capaz de juntar nove mil crentes em torno dele. A presença desse sacerdote em terras distantes da capital apontava para a recorrência de trabalhos religiosos no interior, cuja utilização da terra não se dava “em função da população que nela trabalha e exerce suas atividades, e sim essencialmente e em primeiro lugar, em função de interesses comerciais e necessidades inteiramente estranhas àquela população” (PRADO JR., 1979, p. 50). Por isso, o refúgio dos pobres acabava sendo em torno de líderes religiosos, encarado pelos republicanos como exagerados, místicos, fanáticos.

Não tendo maiores exotismos para apresentar sobre os cabaceirences, o corresponde voltou então ao mesmo ponto de outras correspondências: a morte. No sertão, segundo ele, “se não mata, ajuda a matar”. Dessa vez, Antony descreveu com surpresa que os mortos no interior recebiam a extrema unção de leigos, mas esqueceu de apresentar que a ausência de padres nas diversas paróquias do Brasil acabou habilitando os pobres (principalmente os mais habilidosos na oratória) a exercer determinadas funções. Além disso, a configuração do catolicismo na zona rural é diferente do catolicismo oficial, praticado nas paróquias urbanas e/ou dioceses luxuosas. O catolicismo dos pobres se configurou com a fé aos santos, a realização de procissões e oferendas, isto é, uma crença que tornou os fiéis mais próximos das suas divindades (AZZI, 1978).

Ao final da coluna “Revista Ir. Ignacio”, Antony que se debruçava sobre o cotidiano dos sertanejos, descaracterizando essa crença mais intimista, de modo a estereotipá-la de acordo com o seu julgo republicano, amargou de um ataque de beribéri¹⁷, como se vê abaixo:

Coyocó, 21 de Dezembro de 1878.

Patrão querido.

Estou gravemente enfermo; procurei por toda parte os asilos do padre Ibiapina e encontrei apenas um ataque de beribéri que me tem posto bambo. Seria praga do Ir. Ignacio? Dirijo-me a toda pressa para o agreste em busca de um porto de mar, onde me possa embarcar para a Corte. Não posso mais, estou exausto e se a peste negra me apanha, mate-me com certeza. Dos asilos... Nem noticia obtive deles. Que sirva isso de lição á credulidade dos cariocas. Tenciono embarcar-me em Natal; se não morrer, em breve te abraçarei. Se porém o beribéri me der cabo da pele, remete os meus ordenados para o outro mundo,

pois segundo as notícias que tive, morreram aí dois credores meus aos quais tinha prometido pagar em novembro o mais tardar. Prepara-me um bom almoço, que os jejuns forçados me vão entisicando. Deve ser esta a última carta que te escrevo e a última vez que saio de casa em busca de asilos que não existem, sobretudo se eu esticar a canela. Agora se eu resistir a peste, o caso é outro. Adeus, patrão adorado...
D. Antony. Correspondente da Revista Illustrada em busca dos asilos do irmão Ignacio
(REVISTA ILLUSTRADA, 1878, nº 146).

Na sua última notícia a *Revista Illustrada* pela coluna “Revista Ir. Ignacio”, o correspondente se despediu dos leitores, os quais confirmavam que os asilos eram mentirosos e/ou inventados pelo padre Ibiapina e o irmão Ignacio. No entanto, se atentarmos bem para o itinerário de Antony, veremos que em menos de um mês, andando pelo território litorâneo das províncias da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, a pretensão do enviado era outra: a de angariar assinaturas e não a de buscar, verdadeiramente, pelos asilos.

Ter ido às províncias do Norte em busca das Casas de Caridade foi apenas um pretexto para reforçar estigmas, ausentando-se de refletir e publicar informações sobre a realidade miserável em que viviam os sertanejos. A intenção era mesmo a de expandir o público leitor do periódico. Ao final, ao voltar para Corte enfermo, Antony assinando pela *Revista Illustrada*, chamou muito mais a atenção de seus leitores para a incapacidade de viver civilizadamente nos sertões, do que alertar os “ilustrados” sobre as dificuldades materiais a que estavam condenados os pobres. Não é à toa que o jornalista afirmou que a única coisa que encontrou naqueles confins foram doenças, violência, morte e fanatismo, características que foram abundantemente evidenciadas pelos republicanos.

Considerações finais

As províncias do Norte Imperial, mais especificamente Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte foram laboratórios da análise jornalística durante o final do ano de 1878, por ocasião da propaganda realizada pelo irmão Ignacio, sobre as Casas de Caridade na Corte imperial. Esse projeto religioso, que se estendeu ainda por outras duas províncias (Ceará e Piauí), teve como o seu promotor o padre José Antônio de Maria Ibiapina. Tal apostólico, que abdicou da vida eclesiástica em ascensão,

embrenhou-se pelos sertões com o intuito de conciliar classes numa missão que combinou o “material” e o “espiritual”.

As repercussões desse projeto, mais conhecido pelas obras das Casas de Caridade, chegaram até a Corte imperial, na cidade do Rio de Janeiro, que ao final do século XIX, especialmente após a difusão de ideias republicanas, tornou-se palco da modernização do país, seja em termos políticos, arquitetônicos, sociais, mas, sobretudo, em termos culturais. Entretanto, este projeto excluía boa parte da população brasileira, dentre eles os negros, os indígenas, os sertanejos, os religiosos, e, principalmente, os iletrados.

O espaço por excelência dessas ideias republicanas e modernizadoras foi a imprensa ilustrada, entre elas, a mais conhecida foi a *Revista Illustrada*. Com tom jocoso, tal gazeta investiu na procura pelas Casas de Caridade, tomadas a partir de visões estereotipadas dos sertanejos, que se debatiam sobre os resultados da seca de 1877 e, mais do que isso, da exploração de mão-de-obra e concentração de terras desde o processo de colonização. Interessados em “informar aos seus leitores” se as Casas de Caridade eram uma história mal contada, a gazeta que foi reconhecida como mentirosa pelo próprio redator José Ribeiro Dantas Júnior na edição de nº 44 do ano de 1876, cuja coluna assumia a responsabilidade de fazer transparecer a “verdade sobre os asilos”.

Independentemente dos percursos feitos pelo correspondente Antony, a busca pelos asilos tornou-se apenas um pretexto para expandir as ideias republicanas e, mais do que isso, angariar assinaturas para o referido jornal. Ao final dessa aventura, o resultado que os “ilustrados” buscavam teria sido atendido: demarcar com os leitores fluminenses quem eram os sujeitos indesejados para o projeto político em ascensão, através das ideias preconcebidas e reafirmadas do olhar de um estrangeiro sobre os sertanejos daqueles confins setentrionais.

Referências

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n.15, p.145-151, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewfile/1990/1129>. Acesso em: 12 dez 2019

AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *Ibiapina e Santa Fé nos desafios do tempo: um manuscrito do século XIX em confronto com outros textos*. João Pessoa: Ideia, 2015.

_____. Ibiapina e seus beatos. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 70, fasc. 280, p. 886-909, out./2010. Disponível em: <http://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1107>. Acesso em: 13 jan. 2020.

COSER, Ivo. Civilização e sertão no pensamento social do século XIX. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 18, n. 44 p. 237-248, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18524/11900>. Acesso em: 06 jan. 2020.

FACÓ, RUI. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MARIZ, Celso. *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.

MENDES, Fernanda Coelho. *O ideário republicano na Revista Ilustrada (1876-1889)*. 76f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Ibiapina e a história regional do Nordeste. In: DESROCHERS, Georgette e HOORNAERT, Eduardo (orgs.). *Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 27-45.

NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Camudos*. Companhia Editora Nacional. Coleção Brasileira, vol. 355. São Paulo. 1974.

OLIVEIRA, Noemia Dayana de. Um missionário subversivo: o padre Ibiapina na Revolta do Quebra-Quilos. In: *Revista Trilhas da História*, Três Lagoas, v. 6, nº 12, p. 101-116, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/3653>. Acesso em: 16 out. 2017.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 135, out./1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>. Acesso em: 03 jan. 2018.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 136, out./1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>. Acesso em 03 jan. 2018.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 138, nov./1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>. Acesso em 03 jan. 2018.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 140, nov./1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>. Acesso em 03 jan. 2018.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 143, dez./1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>. Acesso em 03 jan. 2018.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 144, dez./1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>. Acesso em 03 jan. 2018.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, nº 146, dez./1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=>. Acesso em 03 jan. 2018.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na república. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História do Brasil Nação: 1808-1930: A abertura para o mundo*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 239-294.

PRADO JR., Caio. Contribuição para a análise da questão agrária no Brasil. In: *A questão agrária*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 15-85.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O catolicismo rústico no Brasil. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, (5), p. 104-123, 1968. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/45715/49311>. Acesso em: 11 mar. 2019.

VERAS, Elias Ferreira. *O “Echo das Maravilhas”*: O jornal A Voz da Religião no Cariri e as missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1870). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

¹ Estamos considerando aqui as províncias que correspondem atualmente aos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

² Utilizaremos este termo para designar aqueles que faziam parte do jornal *Revista Ilustrada*, contudo, sem desconsiderar a aproximação dele com o pensamento ilustrado, isto é, com as críticas a teoria do conhecimento, que até então era referenciado pelos princípios cristãos e, posteriormente, com o advento da República, passou a considerar o cientificismo, o positivismo e o laicismo como princípios para o conhecimento.

³ A revolta do Quebra-Quilos aconteceu na província da Paraíba, em 1874, estendendo-se para outras províncias, cuja reivindicação estava ligada a imposição do novo sistema métrico pela lei de 1862. No entanto, nesse bojo de transformações sociais, as manifestações expandiram-se para outras discussões, a exemplo da Questão Religiosa, que obteve a participação efetiva de padres como Ibiapina. Ao ser chamado para fazer missões em Campina Grande/PB em 1873, um ano antes da explosão da revolta, o nome do missionário é indicado como incitador de devassas. Para maiores informações ver Oliveira (2017).

⁴ “As acusações à Casa de Caridade partem do Padre Joel Esdras Lins Fialho (13.07.1842-19.09.1931), em discurso na Assembleia Provincial da Paraíba. [...] Sua passagem pela Assembleia ficou marcada por um pronunciamento acusatório contra as Casas de Caridade do Padre Ibiapina, especialmente contra a de Santa Fé. [...] Tudo começa depois de propostas de alguns deputados para que parte dos recursos do

Governo, provindos dos dízimos de miunças (tributos) pudesse ser direcionada para a Casa de Caridade de Santa Fé” (CARVALHO, 2015, p. 51-53) (grifo nosso).

⁵ Era jornalista e redator da *Revista Ilustrada*. Atentou para a falta de veracidade, já no primeiro volume (1876) do periódico, das informações divulgadas, pois que para acreditar nas notícias era preciso confirmá-las por meio da leitura de outros jornais (SANT’ANNA, 2011).

⁶ A publicação em defesa dos asilos e do Padre Ibiapina feita pel’*O Apóstolo* foi reproduzida pela *Revista Ilustrada* na edição nº 139/1878: “O *Apóstolo* defendeu e defenderá o padre Dr. Ibiapina, porque não pôde, à vista de tão *claros testemunhos*, negar sua existência e a existência de seus asilos, onde abriga a infância desvalida”.

⁷ Optamos por atualizar a ortografia das publicações feitas pela *Revista Ilustrada*, com vistas a facilitar a compreensão do nosso leitor.

⁸ Exemplos são Maria Isaura Pereira de Queiroz (1968), Ataliba Nogueira (1974) e Rui Facó (2009).

⁹ Se quiseres mandar um ano para arredondar a conta... Bem sabes que nunca me zango contigo, patrãozinho.

¹⁰ A Questão Religiosa foi um conflito entre a Igreja Católica e a Maçonaria, ocorrido na década de 1870, cujas divergências remontam discussões entre o ultramontanismo, o sistema de padroado e o liberalismo.

¹¹ Calça de couro curtido, agarrada a perna, como se fosse de borracha.

¹² Pequeno saco de couro.

¹³ - Graça quer dizer nome.

¹⁴ - É de etiqueta da terra.

¹⁵ Alteração de Baependi.

¹⁶ N. da R. Não tenhas medo, se te matarem, não faz mal... pela primeira vez...

¹⁷ Doença causada pela falta de vitamina B1, ocasionando a perda de peso, falta de ar, dores nos membros e inchaço nas pernas.

Artigo recebido em 16 de julho de 2020.

Aceito para publicação em 07 de novembro de 2020.